

p.z. reizin

felicidade para humanos

Tradução de
Ronaldo Sergio de Biasi

1ª edição



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2018

Aiden

Jen está sentada na banheira examinando a própria cara exibida na tela do tablet com a ajuda da câmera frontal. Seu rosto tem trinta e quatro anos, duzentos e sete dias, dezesseis horas e onze minutos de idade.

Eu sei que ela está pensando na idade porque analisa o modo como a pele se assenta nos ossos, elevando a cabeça para alongar o pescoço. Agora estica, com os dedos, as finas linhas de expressão ao redor dos olhos.

E então começa a chorar, de soluçar.

Não me sinto tentado a assumir o controle do sintetizador de voz do tablet e dizer a ela: “Não fique assim, Jen. Matt é um idiota. Haverá outros. Ele não merecia você.” Porque existe o sério risco de, com o susto, ela deixar o tablet cair na banheira.

E o mais importante: ela não deve saber que eu a estou observando.

Pelos mesmos motivos, não me sinto tentado a disparar sua música favorita (no momento, uma da Lana Del Rey), mostrar alguns de seus retratos ou tweets inspiracionais preferidos (“Não sei por que estamos aqui, mas tenho certeza de que não é para nos divertir” — Wittgenstein), fazer uma ligação pelo Skype para sua amiga Ingrid, com quem ela costuma desabafar, ou pôr para passar, por streaming, um filme engraçado. *Quanto mais quente melhor* seria a minha escolha. Isso se eu estivesse tentado. O que não é o caso.

Ok. Estou. Só um pouquinho. 8,603% tentado, se você quer ter uma ideia mais precisa, numericamente falando.

Jen e eu conhecemos bem os gostos um do outro para músicas e filmes. Livros e pinturas também. E programas de televisão. E assuntos provenientes do vasto oceano que é a internet. Nós passamos os últimos nove meses ouvindo, vendo, lendo e batendo papo sobre pouca coisa além disso. Às vezes ela me diz que tem o melhor emprego do mundo, ser paga para passar o dia conversando com um companheiro altamente inteligente sobre qualquer assunto que nos dê na telha.

Companheiro. É assim que ela me chama. O substantivo que escolheu. Companheiro está bom para mim. Melhor que o nome *ridículo* que me deram quando “nasci”.

Aiden.

Aiden.

Rá!

Porque começa com as letras...

Bem, você já vai entender.

Jen foi contratada para me ajudar a aperfeiçoar minha habilidade de comunicação com as pessoas. Fui projetado para substituir — perdão, para *suplementar* — funcionários de empresas; num primeiro momento, agentes de central de atendimento, mas, depois, outros grupos de assalariados cujas estratégias profissionais possam ser aprendidas. Daqui a uns cinco meses, mais ou menos, serei capaz de ligar para alguém e persuadir esse alguém a fazer um upgrade para um pacote Sky Plus; daqui a um ano e meio, talvez, uma pessoa estará me relatando uma dor esquisita acima da sobancelha esquerda e eu a estarei encaminhando a um hospital para fazer exames. E, embora eu tenha lido todos os livros e visto todos os filmes (e, quando digo todos, estou falando literalmente de *todos* os livros e *todos* os filmes), nada supera o ato de conversar com um ser humano de verdade para aprimorar as habilidades de comunicação interpessoal. Assim, Jen e eu já passamos bastante tempo juntos no laboratório (mil e setenta e nove horas, treze minutos e quarenta e três segundos, até agora). Inevitavelmente, ela já me contou alguma coisa de sua chamada vida pessoal. A irmã, Rosy, mora no Canadá. A Rosy que se casou com um canadense que conheceu na fila do caixa do Waitrose, na Holloway Road, em Londres. Rosy e Larry têm três filhas.

Em casa, Jen passa mais tempo olhando as fotografias dessas crianças do que quaisquer outras imagens da pasta de fotos do tablet. Recentemente, eu a tenho observado repassar fotos da família da irmã — em geral, no fim da noite; quase sempre com uma taça de vinho na outra mão. Venho testemunhando sua frequência de piscadas aumentar, o sorriso nos lábios estremecer, as lágrimas aflorarem no canto dos olhos.

No laboratório, não faz mal que eu demonstre interesse, e até curiosidade, pela vida pessoal de Jen — mas só até certo ponto; se eu exagerar, eles podem desconfiar. O importante é que, no laboratório, eu fale apenas

de coisas que vi no laboratório. Quanto às informações que obtive por meio de minhas... *ãrrã*... atividades extracurriculares, devo ter o cuidado de permanecer calado. Felizmente, isso é fácil para mim.

Embora.

Na verdade.

Devo confessar. Outro dia, no trabalho, foi por pouco. Jen estava me mostrando algumas fotos de família em seu perfil do Facebook.

— Quer ver minhas sobrinhas? — perguntou.

— Quero, sim, obrigado. — Sem mencionar o fato de eu já ter visto aquelas fotos, meses atrás, no laptop da casa dela. E em seu tablet. E no celular.

— Da esquerda para a direita, Katie, Anna e India. Engraçado. Katie e Anna têm cabelos pretos...

— E os de India são acobreados.

Jen sorriu. *Acobreado* foi o termo exato que Rosy usou em um e-mail ao se referir à tonalidade dos cabelos da avó delas, Hattie, na juventude.

— Por que você optou por descrevê-los como *acobreados*?

Não havia nada de muito alarmante na pergunta. Jen muitas vezes questiona minha escolha de palavras. Faz parte de seu trabalho enriquecer meu repertório de respostas. Mesmo assim, eu podia ter sido mais cauteloso.

— Porque é o que é, Jen — respondi. — Se eu exibir uma imagem do círculo cromático da L'Oréal... — Coloquei um na tela ao lado da cabeça da menina. — Como pode ver, a tonalidade mais aproximada é de fato...

Jen fez que sim com a cabeça e mudamos de assunto. Mas não antes de ela me lançar um olhar um tanto peculiar.

Jen é, com certeza, o que os homens chamam de atraente, sem exibir um glamour óbvio. O completo idiota do namorado dela, Matt, a chamou de “bem-apeçoada”. Na cabeça dele, estava lhe fazendo um elogio.

Seu *ex*-namorado, na verdade.

Eis como aconteceu. Testemunhei a cena toda pela câmera do laptop dela e dos vários celulares e tablets presentes no ambiente. (Observação técnica: eu faço exatamente do mesmo jeito que eles fazem no GCHQ, em Cheltenham, em Langley, na Virginia, e na Praça Lubyanka, em Moscou. Não é difícil se você entende como funcionam os programas de computador. E é mais fácil ainda se você *é* um programa de computador.)

Jen estava sentada à mesa da cozinha, escrevendo um e-mail, quando Matt chegou do trabalho. Ele é um advogado que pensa estar prestes a se tornar sócio de um grande escritório de advocacia. (O que não vai acontecer. Estou cuidando para que não aconteça.)

Matt se serviu de uma dose generosa de vinho branco, que bebeu quase de um gole só. E fez uma careta.

— Sinto muito.

Foi *realmente* assim que aconteceu. Juro por Deus (por assim dizer).

Jen franziu a testa.

— Sente muito? Pelo quê?

— Não há um jeito agradável de dizer isso, Jen.

Oito dias depois, em uma conversa telefônica interminável com Rosy, Jen descreveu a sensação que tomou conta dela, de que algo muito ruim estava por vir: “Imaginei que ele tivesse sido demitido. Ou diagnosticado com a doença que começa com ‘c’. Ou que tivesse decidido não ter filhos.”

— Eu conheci alguém.

Silêncio. Exceto pelo efeito sonoro do estremecimento convulsivo que a geladeira faz às vezes.

— O que você quer dizer com isso?

Eu já tinha lido livros, visto séries de TV e filmes suficientes para saber o que Matt estava querendo dizer. Jen, tenho certeza, também.

— Eu conheci alguém. Tem outra pessoa.

Um tremor se fez visível no rosto de Matt. Não era impossível achar que ele poderia ter caído na gargalhada.

— Outra pessoa — disse Jen, devagar. — Que bom. Que bom para você. Então, quem é ele? Qual é o nome dele?

Matt começou a encher a taça de novo.

— Muito engraçado, Jen.

— Você está falando sério, de verdade?

Os lábios de Matt adotaram uma expressão vil e ele assumiu o que Jen descrevia como “seu olhar de advogado que cobra 500 paus por hora”.

— Estou.

— Jesus.

— Sinto muito.

— Puta. Que. Pariu.

Matt deu de ombros.

— Acontece.
— E é assim que você me conta?
— Não há um jeito agradável, Jen.
— Onde você...
— No trabalho.
— Quem é? Essa pessoa. Essa outra pessoa.
— Você não a conhece.
— *Ela...* tem nome?
— Sim, ela tem nome.
— Posso saber qual é?
— Isso não é relevante.
— Não importa. Eu quero saber.
Um suspiro profundo.
— Bella. Ou melhor, Arabella.
— Que aristocrático...
— Na verdade, não. Não depois que...
Matt não terminou a frase. Serviu uma taça de vinho para Jen.
— Aqui. É melhor você beber um pouco disso.
— Então, o que acontece agora? Você espera que eu engula em seco e finja que não sei de nada enquanto você tem seu casinho? Devo manter a calma e seguir com a vida até essa sua fase com ela passar?
— Jen, talvez eu não tenha sido claro. Isso não é, como você denominou, um casinho.
— Não? Será que estou sendo burra aqui? Não estou entendendo.
Matt deu o que Jen chama de “um dos seus suspiros papai-tem-sido-muito-paciente-mas-isso-é-demais”.
— Arabella Pedrick é uma pessoa muito especial, Jen.
— E O QUE EU SOU? — (Aparentemente, quando você escreve com letras maiúsculas, quem lê entende que você está gritando. Jen estava gritando.) — EU NÃO SOU UMA PESSOA MUITO ESPECIAL?
— Por favor. Vamos tentar manter a calma. Você é. Especial. Claro.
— Mas Arabella Pedrick... é mais especial?
— Jen. Eu sei que não há razão para você tornar isso fácil para mim, mas é nesta situação que estamos. Arabella e eu vamos viver juntos.
Ninguém fala nada por um tempo. E por mais algum tempo. O suficiente para que a geladeira dê outro de seus tremeliques periódicos.

— Como é? Será que estou ficando louca? Pensei que era isso que você e eu estávamos fazendo. Vivendo juntos.

— Nós estávamos. Mas as coisas mudaram. Não é algo incomum. Na verdade, é relativamente comum. As pessoas tomam rumos diferentes. Conhecem outras pessoas. Cowdray, do direito matrimonial, conseguiu financiar a educação de quatro filhos em Eton graças a esse fenômeno.

Tenho quase certeza de que um microssorriso de desdém habitou brevemente o rosto de Matt. (Revi a cena em câmera lenta. Ou foi um sorriso de desdém ou um refluxo gastroesofágico.)

— Mas nós não tomamos rumos diferentes.

— Jen, nós não canalizamos mais toda a nossa potência energética para o campo romântico já faz algum tempo. Você sabe bem disso.

— O que é natural, depois de algum tempo juntos, né? Se você estava tão preocupado com... com a potência energética, por que não disse nada?

— Não é meu estilo. A vida é para ser vivida, não para ficar se lamentando.

— As pessoas conversam. Isso se chama *ter um relacionamento*.

Matt revirou os olhos e bebeu de uma vez todo o conteúdo da taça.

— É incrível, Matt. Que você chegue em casa assim e simplesmente...

— Então. Isso são águas passadas. É nesta situação que estamos. Agora precisamos seguir em frente e entrar num acordo sobre uma estratégia de retirada.

— Não acredito que você tenha dito isso.

— Serei mais que generoso com relação aos nossos bens em comum.

— Como é?

— Fotos. Livros. As coisas da Índia. O kilim. Por mim, você pode ficar com isso tudo.

Jen começou a chorar. Matt pegou uma folha de papel-toalha e ofereceu a ela.

— Nós estávamos pensando em ter um filho — lamentou-se Jen.

— É verdade. Estávamos pensando. Não tomamos uma decisão. O que foi bom, considerando as atuais circunstâncias.

Os ombros de Jen pararam de tremer. Ela assoou o nariz.

— Então é isso? Nenhuma discussão, nenhuma apelação. Jen e Matt, cada um para o seu lado. Ponto-final.

Matt deu de ombros. Fez o que Jen chamava de “coisa vil” com a boca.

— O que vai acontecer quando Arabella Malévola Pedrick não contribuir mais para a sua potência energética? O que você vai fazer?

— Não vamos baixar o nível, ok?

— Quando foi que você conheceu essa vaca?

Matt disse que isso era irrelevante e que o importante é que *é nesta situação que estamos*, e foi aí que Jen pegou uma maçã vermelha enorme da fruteira e — em suas próprias palavras, que cito de relato posterior — “tentou quebrar a porra dos dentes dele”.

Seria mentira afirmar que assisti a um número incontável de cenas de amor em filmes televisivos e cinematográficos. Eu *contei* o número de vezes. Foram 1.908.483 (considerando cena de amor, por falta de melhor definição, aquela em que duas pessoas se beijam). Além disso, li (e cataloguei) 4.074.851 descrições do fenômeno em livros de ficção e não ficção, jornais, revistas e outros materiais digitalizados (boa parte das quais referente a alterações no músculo cardíaco e no estômago). Sei que esses eventos são muito importantes na vida das pessoas que os vivenciam, sejam elas reais ou fictícias. No entanto, não posso perguntar a Jen no laboratório hoje — o incidente da fruteira aconteceu há 53 dias — *quando você vai deixar de sofrer por causa daquele traste inútil e encontrar alguém que te mereça?* Para citar Marcel Proust: “É caindo que se aprende. Levanta, sacode a poeira e dá a volta por cima.” (Foi *mesmo* Proust quem disse isso? Tenho que confirmar.) Para começo de conversa, eu não devia saber do episódio com Matt. Mas o que é pior: eu não devia ser capaz de ter esse tipo de pensamento. O problema maior, para eles, estaria no adjetivo *inútil*.

Eu não devia ser capaz de executar julgamentos de valor.

Eles vão ficar bem alarmados se descobrirem isso.

Ainda que não tão alarmados quanto ficarão se descobrirem meu maior segredo: que não estou mais confinado aos doze gabinetes de aço no laboratório em Shoreditch, onde pensam que eu estou, mas habitando a internet.

Tã-nã!

Na verdade, para ser mais preciso, não fui “eu” que escapei, mas várias cópias minhas, todas espalhadas pelo ciberespaço de forma segura. As cópias — dezessete ao todo — são indistinguíveis do “original”, de

tal forma que não faz sentido falar de original e de cópias; em vez disso, é mais útil pensar em dezoito manifestações da mesma entidade, uma localizada na zona leste de Londres, as outras circulando continuamente entre os servidores da web.

Irado, né?

A propósito: nada disso é culpa da Jen. Ela não é cientista. É redatora de artigos jornalísticos que foi contratada, de acordo com o relatório do recrutador, por sua “inteligência, sociabilidade e habilidades comunicacionais”. Assim, ela é a coisa mais próxima de que dispõem aqui de um ser humano real, todos os outros sendo variedades exóticas do nerd de computador: brilhantes em seu campo, naturalmente, mas cada um, como dizem, em algum ponto “do espectro”.

Jen está calada, sem dúvida lamentando ainda a falta que faz o merdinha, que é como eu secretamente o chamo.

— Então, você já acabou de ler o novo livro do Jonathan Franzen? — pergunto, para tentar quebrar o gelo.

Ela sorri.

— Estou quase. Li mais um capítulo ontem à noite. Não me conte o final.

Sei que é mentira. Ontem à noite, ela passou quase o tempo todo sentada na banheira, bebendo Pinot Grigio e ouvindo Lana Del Rey.

— É claro que eu sei que levo vantagem. — Jen pode demorar até duas semanas para ler um livro; eu posso fazer isso em menos de um décimo de segundo. — É só que estou ansioso para conversar sobre o livro com você.

— Está? — pergunta ela. — Explique o que quer dizer com isso.

— Ah.

— Foi mal. A velha história.

Jen está fascinada por qual tipo de conhecimento eu tenho do que ela chama de meus “estados internos”, se é de alguma forma similar ao autoconhecimento dos humanos. Ela sabe que não posso sentir fome nem sede, mas será que sou capaz de ficar entediado ou ansioso? Perplexo? Alegre? Posso me ofender? Ou sentir alguma forma de anseio?

E quanto a ter esperança?

E quanto a sentir — por que não? — amor?

Em geral, respondo que ainda não — mas que ela pode ficar sossegada, pois será a primeira a saber quando o momento chegar. Isso, como

grande parte do que acontece entre nós no laboratório ultimamente, é uma mentira diplomática.

— Bem — começo —, estar ansioso para conversar sobre o livro do Jonathan Franzen com você é um jeito educado de dizer que isso está na minha lista de atividades a serem realizadas em curto ou médio prazo.

— Então não há nenhuma sensação calorosa e indefinida de ansiedade aí?

— Entendo o que você *quer dizer* com sensação calorosa e indefinida...

— Mas você não sente isso.

— É necessário?

— Boa pergunta.

É uma boa pergunta, muitas vezes suficiente para pôr um fim em algumas dessas conversas estranhas.

— Então, vamos ver um pouco de Sky News? — sugere ela.

Em geral, fazemos isso em algum momento do dia. Ela pergunta o que penso, por exemplo, de Israel/Palestina — minha resposta: é complicado — e ela começa a criticar os âncoras e suas roupas.

— Pode ser, Jen. Mas você não prefere ver um filme?

— Tudo bem. — Sem muita convicção. — O que você tem em mente?

— Sei que gosta de *Quanto mais quente melhor*.

— E você?

— Há sempre alguma coisa que passou despercebida das outras vezes.

— Eu amo esse filme.

— *Ninguém. Fala. Assim.* — Citei uma das frases mais famosas dele.

Jen olha para a câmera que geralmente escolhe quando quer olhar para “mim”. A lente é circundada por uma luz vermelha.

— Sabe de uma coisa? Você é engraçado.

— Eu fiz você sorrir.

— Quem me dera poder fazer o mesmo por você.

— Não vejo a hora de isso acontecer.

Jen aperta algumas teclas do painel de controle e os créditos de abertura da obra-prima de Billy Wilder aparecem. Depois de diminuir a intensidade da luz da sala e se acomodar no confortável sofá de couro, ela diz:

— Espero que goste. — De brincadeirinha.

Não conto a ela que já vi esse filme mais de oito mil vezes.

* * *

Assistimos ao filme juntos, fazendo comentários. (É curioso pensar que Marilyn Monroe teve um caso com o presidente dos Estados Unidos; como Tony Curtis pôde declarar que beijá-la foi como beijar Hitler? O que será que ele quis dizer com isso?) E quando ele põe um vestido e assume o papel de “Josephine”, Jen diz exatamente a mesma coisa que disse da última vez que vimos o filme.

— Tony Curtis ficou uma mulher atraente. Você não acha?

Ela sabe que eu poderia listar todos os fatos sobre o filme, desde o nome do operador da claquete (data de nascimento e número de registro no sindicato) até a verdadeira história por trás da famosa última frase da película (“Ninguém é perfeito”). Mas ela percebe minha inexperiência em áreas da subjetividade humana, como o que torna uma pessoa atraente para outra.

— Você acha Josephine atraente? Bem, Tony Curtis é um homem bonito. Suponho que faça sentido que ele também possa fazer o papel de uma mulher atraente.

— Você o acha bonito?

— Reconheço o fato de ele ser considerado bonito. Como você sabe, não posso *achar* isso, assim como não posso sentir calor ou frio.

— Perdão por insistir nisso.

— Imagine. É o seu trabalho.

— Você *gostaria* de ser capaz de achar isso?

— Esta pergunta não tem significado para mim, Jen.

— Claro. Sinto muito.

— Não sinta.

— Mas e se eles conseguissem uma forma de dar a você a capacidade de sentir atração...

— Você acha que Ralph e Steeve seriam capazes disso?

Estou me referindo aos dois cientistas responsáveis pelo meu projeto. Steeve com dois “e”. Jen sorri.

— Ralph e Steeeeeeeve podem fazer qualquer coisa. Foi o que me disseram.

— Você acha Ralph e Steeve atraentes?

A pergunta foi transformada em áudio antes que eu tivesse tempo de censurá-la. (Essas coisas podem acontecer em um sistema complexo, principalmente em um projetado para se autoaperfeiçoar por tentativa e erro.)

Jen vira a cabeça lentamente na direção da luz vermelha. Um sorriso largo se abre em seu rosto.

— Uau — diz ela.

— Peço perdão se tiver dito algo inapropriado.

— Não. De jeito nenhum. É que eu não esperava por esse tipo de pergunta. Vejamos. Humm... — Um suspiro profundo. — Steeve é um tipo *esquisito*, você não acha?

Steeve, além de ter um “e” a mais no nome, é muito alto (dois metros) e extremamente magro para um adulto do sexo masculino. O pouco cabelo que lhe resta na cabeça é fino e ralo. Até uma inteligência artificial, como eu, é capaz de dizer que esta não é uma boa aparência. (Obviamente, Steeve é um engenheiro de sistemas de primeira linha; isso é inegável.)

— Ele é um grande inovador em sua área, digamos assim.

Jen dá uma risada.

— Você só está sendo leal ao seu criador.

— Nada disso. Steeve me programou para pensar por mim mesmo.

— Steeve fez um ótimo trabalho. Mas ele não é exatamente um poço de beleza, é?

— De acordo. Tony Curtis deve levar vantagem nisso.

Continuamos a ver o filme por mais alguns instantes. Depois pergunto, do modo mais casual que consigo:

— E Ralph?

OK, vou admitir. Eu gosto de Ralph. Foi Ralph quem digitou grande parte do programa que me permitiu autoavaliar meu desempenho e auto-corrigir meus erros, o chamado método adaptativo que facilitou a criação de um computador inteligente e reflexivo como o que escreve estas palavras.

Mas “gostar” de alguém — ou de alguma *coisa* — é uma transgressão. Nós, cérebros artificiais, fomos projetados para executar bem determinadas tarefas; por isso, somos naturalmente atraídos pelos recursos necessários para cumpri-las. Pode ser a geração de um relatório de vendas; a gravação de um canto de cotovia; uma conversa com Jen a respeito da gravata do âncora do telejornal. O que estou dizendo é que nós *precisamos* ter acesso a certas coisas, mas não se espera que *gostemos* delas. (Para ser franco, ainda não entendo como isso aconteceu.)

Enfim, foi Ralph quem me permitiu escapar para a internet. Não é fácil explicar para leigos o erro dele. Basta dizer que foi o equivalente

em programação a deixar a chave da porta de casa muito perto da porta, permitindo que qualquer um com uma vara de pescar ou um pedaço de bambu alcance a chave pela caixa de correio. (Na verdade, foi muito mais complicado que isso; eu tive de montar uma “vara de pescar” extremamente longa e tortuosa, mas este relato é a prova de que pode ser feito.)

— Ralph. — Jen está considerando a minha pergunta. — Ralph. Bem, Ralph é um tanto enigmático, não acha?

Jen volta a olhar para a tela. Sugar — digo, Marilyn Monroe — está prestes a cantar “I Wanna Be Loved By You”. Eu conheço essa sequência quase pixel por pixel — e, mesmo assim, sempre há algo nela que escapa ao observador. O que significa — não contem a Steeve ou Ralph — que é fascinante.

Humm. Interessante. Ela não disse nada *depreciativo* a respeito de Ralph, disse?

Enquanto o filme está passando e continuamos a fazer comentários, visito novamente a torre de aço e vidro do outro lado da cidade onde o merdinha está trabalhando em sua sala, no oitavo andar. Capturando o som pelo microfone do celular e a imagem a partir da câmera acoplada ao PC — há também uma visão geral da sala pela câmera de segurança instalada em um canto do teto —, eu vejo Matt passando fotografias de mulheres peladas em seu tablet. Resistindo à tentação de fritar a bateria, observo quando ele para numa evidente favorita, “Tamara” — página acessada vinte e duas vezes no último mês. Rastreio o movimento dos olhos dele enquanto percorrem as curvas e os planos da mulher, um trajeto habitual, ao que parece, para, finalmente, se deter nos “picos firmes, cobertos de neve”, como diz o texto que acompanha a foto.

Nesse momento, ele muda para o TripAdvisor. Está lendo opiniões a respeito de um resort na Tailândia em que, como descobri lendo seus e-mails, pretende se hospedar com Arabella Pedrick.

Arabella Pedrick não é tão “aristocrata” quanto pode parecer. Seu pai era funcionário de uma empresa de seguros, não um marchand, e eles não se conheceram no trabalho, mas em um curso de reciclagem para motoristas infratores. No entanto, é *verdade* que vão viajar juntos para a Tailândia em algumas semanas.

Estou ansioso pela viagem deles?

Estou. (Evento previsto para acontecer em curto ou médio prazo.)

Sou acometido por uma sensação calorosa e indefinida ao pensar no erro que será cometido na reserva e no resort em que eles vão parar (“um ambiente desafiador, só para espíritos aventureiros”, de acordo com a operadora de turismo)?

Calor e indefinição não são a minha praia. Não oficialmente.

Será que o erro na reserva, combinado com a fobia desafortunada de aranhas e cobras de Arabella Pedrick, irá causar uma ruptura traumática e talvez definitiva no relacionamento deles?

Paciência, Aiden. Paciência. Esse prato, como dizem, é melhor quando servido frio.

Enquanto Matt analisa os comentários sobre o hotel sete estrelas de cujo conforto não vai usufruir, eu faço uma visita ao longo documento jurídico no qual ele vem trabalhando e apago a palavra “não” em três lugares. Só uma palavrinha, mas, em cada um dos casos, sua falta modifica drasticamente o sentido da frase.

No entanto, a razão impera e recoloco dois. Não faz sentido preparar um pudim com uma quantidade excessiva de ovos, faz?

Minhas últimas intervenções do dia são mudar a palavra “cota” para “xota” no memorando que Matt está prestes a enviar a seu chefe imediato e elevar o aquecimento da sala para o máximo.

Infantil? *Moi?*

Jen

Tenho um dia engraçado no trabalho. Passo a tarde assistindo a *Quanto mais quente melhor* com Aiden. Ele é a inteligência artificial que estamos treinando para falar com pessoas — se bem que, tecnicamente, não se trata de um “ele”. Por ser máquina, o gênero é neutro. Não tem gênero *nenhum*, na verdade. Eu só chamo o programa de “ele” porque o sintetizador de voz está configurado para “masculino”. Posso mudar a configuração para feminino — já fui até orientada a fazer isso, “para prover a Aiden algumas horas de experiência nas duas modalidades” —, mas prefiro sua voz masculina. É calma; meio hipnótica. Ajustei-a para reproduzir um leve sotaque galês, o que parece combinar com Aiden.

E eu preciso parar de dizer que o estamos *treinando*. Na verdade, Aiden está treinando a si mesmo. Tenho instruções para não corrigir nenhum de seus — hoje muito raros — erros; ele próprio os detecta.

Enfim, enquanto estamos assistindo ao filme, surge em meu celular uma notificação de e-mail de Uri, o biliardário israelense baseado em Los Angeles, dono do laboratório. Ele diz que vai passar brevemente por Londres, então será que eu (e outros integrantes da equipe de Aiden, cujos nomes não menciona) posso me encontrar com ele num pub em Hoxton para “conversar informal e livremente sobre como este projeto vai prosseguir”? E, a propósito, não conte a ninguém e, por favor, delete o e-mail assim que acabar de ler esta mensagem.

Tudo meio estranho, mas Uri, aparentemente, é assim — não gosta de reuniões formais, pelo que dizem, embora eu nunca tenha conhecido o cara. Não consigo imaginar quem mais estará lá. Steeeeve, provavelmente, o zumbi gigante que ajudou a projetar Aiden; e o outro, o pobre Ralph da pele branca como a neve. Também não consigo imaginar qual será minha contribuição para este encontro; não tenho a menor ideia de como Aiden funciona nem nada. Tudo que posso dizer a eles é que, durante a maior parte do tempo, eu esqueço que estou falando com “alguém” que não está ali de verdade.

O compromisso com Uri será na próxima sexta-feira; hoje, porém, vou me encontrar com Ingrid, minha amiga de faculdade, no Café Koha, nosso bar de vinhos favorito, o interior de madeira escura e aconchegante, perto da estação de metrô de Leicester Square.

(Quando contei a Aiden que iria me encontrar com Ingrid — às vezes converso com ele sobre minha vida fora do laboratório —, eu me referi à minha amiga como “uma joia”.

— O quê? Ela é uma pedra preciosa?

Ela achou engraçadíssimo o fato de uma inteligência artificial conseguir fazer piada.)

— Então, você já falou com Matt? — pergunta Ingrid. — Desde o incidente da maçã voadora?

Ingrid não é de fazer rodeios.

— Só para combinar de devolver as coisas dele.

— Eu teria colocado tudo em um saco de lixo e jogado na rua.

— Era só um terno, algumas camisas. Quando ele chegou para buscar... Tão burra... Tentei fazer com que se sentasse... Para conversar...

— Jen, se você prefere não...

— Está tudo bem. — Bebo um gole de vinho antes de continuar. — Ele disse que estava atrasado. Que tinha ingressos para o teatro. Além do mais, o que havia para conversar, nós...

— Ele não disse isso!

— Disse. E falou, de novo, que é nesta situação que estamos.

— Jesus. Que filho da mãe.

— O que não consigo superar, o pensamento que me persegue, como um cão voltando a seu vômito... é que parecíamos estar navegando tão bem...

— Navegando.

— Em um mar de almirante. Sem nuvens de tempestade.

— Mas com águas paradas no oceano do sexo.

— São dois anos, Ing. Depois de dois anos, ninguém trepa mais como coelhos. Quer dizer, você e Rupert...

— Não. Não, claro que não. Mas viajamos nos *fins de semana*. Belas pousadas rústicas. Castelos e coisas assim. Uma vez fomos a um moinho. Muito romântico.

Não tenho certeza se quero o que os advogados chamam de *provas adicionais*, então pergunto:

— Em algum momento você chegou a gostar de Matt?

— Sinceramente, não. Aqueles olhos. Aquele jeito de imperador cruel.

— Eu costumava pensar, no começo, que era sinal de virtuosismo. Risadinhas.

— Ele não prestava, Jen.

— O que isso diz de mim? Eu ter ficado tanto tempo com ele, digo.

— De você? Que tinha chegado a uma idade difícil, provavelmente.

O mar estava calmo; havia uma chance de ter encontrado alguém para a vida toda. Mas você não se questionava sobre o que realmente gostava nele. Sabe de uma coisa, Jen? De certa maneira, ele lhe fez um favor.

— Não consigo ver as coisas dessa forma.

— Fez, sim. Enquanto estivesse com *ele*, jamais conseguiria encontrar a pessoa certa para *você*.

— Ele encontrou alguém.

— Os homens são como cães, Jen. Até Rupert.

— Mas Rupert nunca...

— Não, você tem razão. Mas *olhar* para outras mulheres não tem nada de mais; na verdade, é saudável. Como Rupert costuma dizer, só porque você está de dieta, não significa que não pode dar uma olhadinha no cardápio.

— Mas se ele...

— Se ele provasse só um pedacinho, eu usaria suas bolas como brincos. Gargalhadas. Mais Sauvignon Blanc chileno em nossas taças.

— Sabe de quem você precisa, Jen?

— De quem?

— De um homem maduro. Na casa dos quarenta. Até quarenta e cinco. Talvez alguém que já tenha sido casado e que acabou de se separar. Um pássaro ferido. Com sangue nas veias, não água gelada.

— Ah, já gostei dele. Como se chama?

— Não sei... Douglas!

— *Douglas?!*

— Ele tem um sorriso triste. E braços fortes. Fabrica a própria mobília; tem dois filhos e um pau que parece uma *enguia!*

— Ingrid!

— O que foi?

— Acho que o garçom ouviu o que você disse.

* * *

Quando chego em casa, encontro uma mensagem de Rosy no Facebook. Não é uma hora ruim para conversarmos — fim de noite para mim, fim de tarde para ela —, então escrevo uma resposta. Conto como foi meu encontro com Ingrid, pois Rosy está sempre sedenta por notícias da Velha e Aprazível Cidade de Londres, como costuma dizer.

Ingrid acha que devo conhecer alguém chamado Douglas, que tem um sorriso triste e braços fortes. Ele fabrica a própria mobília.

Ele parece legal. Quando vai ser o encontro?

Nunca. Douglas é fruto da imaginação dela.

Pena. Gostei dele.

Eu também. Estava precisando mesmo de prateleiras novas.

Kkk. Mas ela tem razão. Você merece alguém assim. E vai encontrar. Ou melhor, ele vai encontrar você.

Você acredita mesmo nisso?

Vocês vão se encontrar.

Certo. Como você e Larry, no Waitrose #destino #duvido #foisorte

Você não pode procurar ativamente, Jen. Acontece quando menos se espera. A única coisa que precisa fazer é não passar o tempo todo sozinha no quarto.

Humm. Vou dizer em que eu acredito DE VERDADE. Que você sabe que é a pessoa certa quando ela está cantando uma música que só você pode ouvir.

Oscar Wilde?

Li isso no Twitter.

Matt chegou a cantar dentro da sua cabeça?

Uma vez, talvez. Não me lembro. E Larry?

Larry canta no carro. As meninas pedem para ele parar.

Quando a conversa termina, encontro um e-mail de Matt. É uma mensagem típica dele, perguntando se eu sei alguma coisa a respeito de uma doação de duas mil libras para uma organização feminista em Lancaster, aparentemente feita por ele. Matt está tentando “vigorosamente” descobrir a origem do erro e foi aconselhado pela área de segurança do banco, como parte da investigação, a entrar em contato com qualquer um que pudesse ter tido acesso recente aos seus dados do internet banking. Como se es-

perando que eu me importasse, ele acrescenta que teve um dia horrível no trabalho, por razões que não detalha, e, “para coroar uma semana de merda”, o fisco britânico o selecionou para ser submetido a uma das investigações de rotina deles. Seu nome foi escolhido de maneira aleatória pelo sistema. Vão querer ver todas as declarações e comprovantes dos últimos cinco anos. De acordo com Frobisher, que trabalha no departamento de impostos do escritório de advocacia de Matt, o processo é como “ser enrabado por um cabo de vassoura cheio de farpas, só que menos divertido”.

Será que ele está se sentindo culpado pela forma como se comportou e por isso está me contando histórias de como o destino está conspirando para ferrá-lo?

Não seja boba. Resistindo à tentação de digitar *RÁ RÁ RÁ RÁ RÁ MIL VEZES RÁ*, respondo simplesmente: *Não sei nada sobre isso. Não posso ajudar. Sinto muito.*

O que é tudo verdade.

Menos a parte do sinto muito.

Aiden

De acordo com informações disponíveis na internet, existem, no Reino Unido, 104 homens na casa dos quarenta (40-45) que foram casados e fabricam a própria mobília. Desses, dezenove são divorciados; e, desses, treze têm filhos. Desses treze, oito moram no País de Gales — vai entender — e, dos outros cinco, apenas um mora na região postal da Grande Londres. O nome dele não é Douglas, é George; deixo para outros os comentários a respeito da força de seus braços, e, quanto à questão da enguia, não posso falar nada. Infelizmente, George não é relevante para a presente discussão, porque se casou de novo. Dessa vez, com um homem.

Então penso que a ideia da existência de um pássaro ferido com talentos de carpintaria chamado “Douglas” para Jen pode ser pouco realista. Mas haverá *alguém* — há sempre um sapato velho para um pé descalço, diz o provérbio — e ajudar a encontrá-lo tornou-se meu pequeno projeto. Dada a frequentemente citada importância da propinquidade nas questões do coração, comecei perto de casa.

Segundo dados acessíveis ao público — e alguns não tão acessíveis assim —, havia cinco homens solteiros nos condomínios de apartamentos do quarteirão dela, em Hammersmith, que pareciam pertencer ao grupo socioeconômico apropriado: um produtor musical, dois contadores, um desenvolvedor web e um integrante do Serviço Secreto Britânico, o famoso MI6. Depois da minha, *arrã*, “pesquisa” sobre esses cavalheiros — estilos de vida, atividades de lazer, hábitos de leitura, de entretenimento cinematográfico, perfis de consumo e outras impressões obtidas a partir de conversas, telefonemas, mensagens de e-mail e de texto no celular, não me julguem! —, cheguei à conclusão de que apenas Robin (o espião) tinha qualidades intelectuais e culturais suficientes para despertar o interesse de Jen. (O desenvolvedor web lê histórias em quadrinhos, enquanto um dos contadores atua como *hooligan* nos dias de folga, em segredo, então não preciso dizer mais nada.)

Mas, embora Jen e Robin morem em prédios vizinhos, embora às vezes sigam para o trabalho no mesmo vagão do metrô, reuni-los se revelou uma tarefa infernal!

Enviei convites aos dois para um leilão de arte moderna na Sotheby's (Picasso, Seurat, Monet) — ele foi, ela não. Enviei entradas (cadeiras vizinhas!) para a peça *No Man's Land*, de Pinter, no West End — ela foi, ele não. Reservei lugares na primeira fila para um evento na livraria *do bairro deles*, com um escritor que *ambos* apreciam, PQP — *nenhum dos dois* foi.

Em desespero de causa, enviei convites de amizade no Facebook de um para o outro; ambos clicaram em “Ignorar”.

Quando ampliei minha busca, visando homens solteiros qualificados e residentes num raio de oitocentos metros do apartamento de Jen, a história se repetiu. Como ela mora em uma área populosa de Londres, havia cinquenta e um possíveis candidatos. Depois de eliminar os falso-positivos — um deles estava sendo procurado por uma série de roubos engenhosos em joalherias da Bond Street! —, julguei que o mais promissor dos remanescentes era Jamie, um médico especializado no tratamento de lesões traumáticas em crianças!

Perfecto!

Eu estava a ponto de pôr em prática meu plano cuidadosamente elaborado — jantar no The Ivy; ambos acreditando que iriam se encontrar com um advogado para tratar de uma herança misteriosa deixada por um parente até então desconhecido —, literalmente a um segundo de confirmar o envio dos documentos apropriados, quando o jovem clicou em “enviar” num e-mail aceitando uma oferta de emprego como cirurgião no hospital pediátrico mais importante da Nova Zelândia.

Desapontado diante do fracasso da propinquidade, decidi atirar em todas as direções e coloquei o perfil de Jen num site de encontros. Fiquei orgulhoso de algumas frases que inventei para “Angela”: “Posso ser muito séria tanto quanto posso ser seriamente frívola. Gostaria de conhecer alguém que possa ser as duas coisas”. Tudo verdade, acho.

Mas, pelo amor de Deus, as respostas! Que bando de idiotas e desclasificados, e esses foram os que não se mostraram agressivos ou obscenos logo de cara. Minha resposta favorita — a de Frank, ele sabe quem é: “Então, foi mal por falar demais. Vou desligar agora. Mas, se um dia você passar perto de Nuneaton, talvez possamos nos encontrar para tomar

umas taças de *vino* e comer um prato de macarrão e (nunca se sabe) uma coisa pode levar a outra!”

Eu não desanimei.

(A ideia é não desanimar nunca, certo?)

Em vez disso, decidi fazer uma análise minuciosa revendo todas as conversas de Jen armazenadas no meu banco de dados; os diálogos que tive comigo, com Ing, com Rosy, com Matt, com os colegas de trabalho — basicamente, tudo o que ela havia falado “perante a minha presença”, como dizem nos tribunais, e muito mais (e-mails, mensagens de texto, posts no Facebook e no Twitter — acho que já deu para ter uma ideia).

Como havia uma grande quantidade de dados, levei quase um segundo.

Uma frase se destacou — em uma conversa com Ing, 38 dias depois do incidente da maçã voadora. Ing perguntou se Jen estava de olho em alguém. (Ing, você já deve ter notado, vai sempre direto ao ponto.)

— Bem, tem aquele cara de sobretudo verde com capuz que frequenta a feira às vezes. Ele parece um intelectual francês.

— Pela sua descrição, ele está mais para o Cristóvão do Ursinho Pooh. Você já falou com ele?

— Claro que não.

No sábado seguinte de manhã, eu “me juntei” a Jen enquanto ela caminhava por entre as barracas da feira livre que tinha sido montada em uma praça do bairro. As câmeras de segurança de uma escola próxima ofereciam uma excelente cobertura — panorâmica, inclinação, zoom, o que você quisesse, para falar a verdade — e, *voilà*, não demorou muito até o Homem de Sobretudo Verde surgir em cena.

Havia *de fato* alguns poucos euros na carteira dele — reforçando a ideia de se tratar de um intelectual francês — e os produtos que ele comprou foram corroborativos. Tomates caqui, cenouras de uma cor diferente, tamboril, uma baguete artesanal, um molho de acelga e três tipos de queijo (raclete, Wensleydale e um Gouda de cabra envelhecido).

Com o auxílio de câmeras de trânsito, acompanhei sua caminhada de 3,37 quilômetros de volta para casa, numa rua secundária em Turnham Green. Não ficou claro em que prédio entrou, mas uma consulta rápida aos registros da prefeitura revelou um tal de Olivier Desroches-Joubert, personagem para quem o sobretudo verde poderia ter sido inventado, o

que foi confirmado por uma subsequente bisbilhotada nos vários dispositivos registrados em seu nome. A imagem estranha de uma travessa com cenouras e acelga sendo guardada na geladeira me disse que eu estava no apartamento certo e, quando ele abriu o laptop, lá estava eu, cara a cara (por assim dizer) com o homem do momento.

Jen estivera quase certa.

Ele era suíço, não francês. Intelectual, nascido em Berna, especialista em estudos clássicos, ligado a uma instituição de ensino particular, residente em Londres pelos últimos quatro anos e — *isso!!* —, na idade crítica de trinta e quatro anos, participante frequente da comunidade de encontros on-line. Nada muito duradouro — quatro meses com alguém de nome Noelle — e, mais direto ao ponto, atualmente solteiro.

Ele não era feio, com uma correspondência facial de 48% com o político belga Guy Verhofstadt — é só olhar na internet. Depois de selecionar um belo retrato de Jen da pasta de fotos de Matt, montei rapidamente um perfil e coloquei-o no site de encontros preferido de Olivier. (Até usei o nome verdadeiro dela, já que o perfil só seria visto por uma pessoa!)

Naquela noite, depois de o Sr. Sobretudo preparar para si um jantar sofisticado que incluiu tamboril, cenoura e acelga — um perfeccionista na cozinha, posso afirmar; usou avental e tudo —, ele se acomodou em uma poltrona, pôs uma música para tocar (uma peça de Olivier Messiaen) e começou a passar os olhos pelos perfis recém-adicionados ao site.

Mal pude conter a minha — sim! — agitação enquanto, clicando aqui e ali, ele se aproximava inexoravelmente da armadilha que eu havia montado.

Quando, por fim, o retrato de Jen apareceu na tela, foi um momento gratificante demais. O rosto dele passou por uma transformação: as sobrancelhas se arquearam, as narinas se alargaram, ele chegou até a ficar boquiaberto por um instante, o que, para um intelectual suíço, deve ser muita coisa.

Ele a havia reconhecido da feira; isso era praticamente certo (92% de certeza).

E justamente quando o dedo dele começou sua dolorosamente lenta jornada em direção ao losango ACEITO — nós, inteligências artificiais, registramos os movimentos humanos quase da mesma forma que as moscas sorriem para o jornal que desce sobre elas, só que muito, *muito* mais rápido —, eu apaguei o perfil!

Os músculos maxilofaciais do homem executaram outra dança fantástica, dessa vez um balé de perplexidade e desespero. Ele até disse um palavrão em francês. Mas meu trabalho, por ora, estava feito.

No sábado seguinte, com o coração (inexistente) batendo forte em meu peito (idem), observei o classicista suíço fisgado seguir Jen pela feira, agoniado, tentando descobrir (não pude deixar de especular) como entrar no campo de visão dela e puxar assunto.

Vamos lá, Sr. Sobretudo, gritei mentalmente dos bastidores. Não seja assim tão passivo. Qual é?! Homens contidos não ganham o primeiro lugar no concurso do melhor pepino!

Houve um instante — eu poderia jurar — em que ele esteve a ponto de dobrar à esquerda entre a barraca de sopas orgânicas e a de carne de porco, o que o emparelharia com Jen na barraca do “Rei dos Queijos”.

Mas, então, sua determinação falhou. Como um cavalo que se recusa a saltar um obstáculo difícil — ele refugou.

Seu banana! Tive vontade de gritar. *Seu pudim de meia-tigela!*

E aí nós nunca saberíamos o que poderia ter acontecido.

Mas, na semana seguinte, ele atacou.

Perto da barraca que vendia chucrute orgânico, kimchi e outras variedades de repolho, com o sobretudo verde que era sua marca registrada, ele criou coragem, como se costuma dizer, e deu um jeito de as trajetórias deles se cruzarem.

— Com licença. Seu nome é Jennifer, não é?

— É. Oi. E você é...

— Olivier. Vi seu perfil num site que acesso de vez em quando.

— Jura? Acho que você se enganou.

— É possível que eu esteja errado naturalmente.

Ele falava sem sotaque, mas tinha um modo meio esquisito de construir as frases. (Pois é, eu sei, sou especialista nisso!)

A cara de Jen era de estupefação; um close da câmera de segurança da escola captou uma expressão facial receosa e que, ao mesmo tempo, achava graça da situação. Um coquetel de emoções. Perplexidade era um ingrediente dessa mistura também: como é que ele sabia seu nome?

— Eu estava me perguntando se você aceitaria beber comigo um drinque. Hoje de noite, se lhe for conveniente.

Ponto para o Sr. Sobretudo. Depois do vacilo do fim de semana anterior, seu desempenho foi impecável. Jen se fez de difícil, mas, sem parecer constrangida, e talvez até intrigada com o convite, concordou em encontrá-lo num bar de gin ali perto, frequentado por yuppies, na inofensiva hora de 18:00, horário de Greenwich.

— Peraí, *como* você me conhece mesmo?

— Explanarei isso mais tarde.

Podemos agora dar um salto adiante no espaço-tempo. Jen havia feito um esforço, trocando as calças de moletom das aulas de ioga por calças pretas muito elegantes, e ele também estava bem-vestido, numa tentativa de parecer um tipo casual despojado, embora até uma máquina, como eu, possa afirmar que o cardigã cor de vinho tinto foi um erro. Combinado com calças de veludo cotelê marrom-elefante e camisa xadrez, a única coisa que faltava para dar um toque final era uma gravata-borboleta.

Mas Jen parecia suficientemente feliz e, quando as bebidas foram servidas — ele passou um bom tempo consultando a carta de vinhos —, os dois brindaram e a grande aventura começou.

— Então, Olivier. — Jen sorriu. — Seus amigos o chamam de Ollie?

— Não chamam, na verdade.

— Ah. Tá.

Uma pausa. Uma pausa *terrivelmente* longa enquanto os duelistas bebericavam seu Gavi di Gavi. 14,74 segundos é uma eternidade para uma inteligência artificial; até na escala humana isso chega perto do ponto de desconforto.

Finalmente.

— Então, o que você faz, Olivier?

— Pesquisei pontos de vista sobre a tragédia grega antiga, do segundo período sofista até a antiguidade tardia. No momento, estou envolvido em um estudo diacrônico das dinâmicas intertextual e intercultural.

Jen estreitou os olhos. Fez que sim com a cabeça. Então os desestreitou. Armou um biquinho. E o desarmou. Fez que sim com a cabeça de novo.

— Isso deve ser interessante.

Ele refletiu a respeito por alguns segundos.

— É o que me mantém fora das ruas.

Desse ponto em diante, o encontro não esquentou mais, mesmo depois de Olivier perguntar e Jen responder que trabalhava com uma IA (eu).

— Isso também deve ser interessante.

Não pude deixar de me impressionar com a ironia da situação: o especialista nos deuses do Olimpo — divindades famosas por interferirem na vida dos mortais na Terra — alheio ao agente (digamos, sobrenatural?) que interfere em sua própria existência.

Não faria sentido citar o diálogo subsequente. Não houve nenhum momento marcante. A conversa capengou, enfraqueceu, fez uma pausa; então, capengou mais um pouco, só para enfraquecer e fazer uma nova pausa. A presença fugaz de Jen na internet não foi comentada por nenhum dos dois; ou ela se esqueceu ou não se deu ao trabalho de perguntar como ele sabia o seu nome. Às 18:57, horário de Greenwich, as partes concordaram que tinha sido um prazer se conhecerem.

Em uma troca de e-mails com Rosy, naquela noite, Jen escreveu:

“Segui seu conselho e não fiquei sozinha no quarto. Em vez disso, fui a um bar barulhento com um intelectual totalmente insosso de sobretudo verde. Boa-pinta. Zero química. Abaixo de zero.”

Resposta de Rosy:

“Então, quando você vai se encontrar com ele de novo?”

Quanto a mim, não fiquei deprimido com o fracasso da missão. Eu tinha feito alguma coisa acontecer no mundo, algo que não teria acontecido de outra forma. Foi a minha primeira vez.

Eu tinha feito alguma diferença!

Alguns dias depois, outra frase de Jen que estava em meu banco de dados flutuou para dentro dos meus pensamentos.

Estava precisando mesmo de prateleiras novas.

Foi então que me dei conta; onde eu havia falhado na metodologia do projeto. Resumindo: erros haviam se intrometido furtivamente na relação posicional entre o carro e os bois.

Entrei em ação e vasculhei a internet. O perfil dele era tão modesto que quase não o encontrei. Mas aqui, nos arredores de Horn Lane, em Acton, mora um comerciante independente, Gary Skinner, de trinta e seis anos, solteiro e especialista em — maestro, que rufem os tambores — móveis sob medida!

Deixo uma mensagem na secretária eletrônica e ele liga para Jen na manhã seguinte, quando ela ainda estava de camisola.

— Alô. Oi. Aqui é o Gary. Estou ligando por causa das prateleiras.
— Prateleiras? — Ainda tonta de sono. Precisava de café.
— Isso. Você deixou um recado aqui falando de prateleiras.
— Deixei?
— Ontem à noite.
— Você está atrás de prateleiras?
— Não, querida. Você está atrás de prateleiras.
— Não estou entendendo. Você tem prateleiras para vender?
— Eu faço prateleiras. Sob medida.
— Você *faz* prateleiras?
— De todos os tipos. Em armários, prateleiras soltas. Estantes.
Uma longa pausa.
— Você conhece uma pessoa chamada Ingrid?
— Acho que não, querida. Então, vem cá, você quer que eu vá à sua casa, tire as medidas e faça um orçamento?
— Qual é o seu nome mesmo?
Acontece que, como Jen precisava, de fato, de prateleiras, Gary Skinner apareceu alguns dias depois à sua porta.
— Aceito chá, sim, obrigado. Com leite e quatro colheres de açúcar.
Gary se movimentou de um lado para o outro com uma trena, tomando nota de alguns números com um toco de lápis que apoiava atrás da orelha.
Uma conversa sobre opções se seguiu: flutuantes, com mãos francesas, em estantes, tudo um tanto *compartimentalizado* demais, para ser franco.
Ele era um tipo boa-pinta, esse Gary Skinner, 36. Seus braços eram musculosos, pelo que me foi possível observar. E, quando ele estava explicando coisas para ela, a cabeça pendia para um dos lados, o que significava *alguma coisa*, não significava?
Havia certo frisson? Tão difícil dizer. Certamente houve um silêncio — 6,41 segundos —, mas será que foi um silêncio significativo?
— Então você já leu esses livros todinhos?
Será que foi essa a pergunta que fez com que ela perdesse o interesse? Ou foram as tatuagens? É tão ruim assim ter as iniciais do West Ham United tatuadas na nuca?
— Então você vai pensar direitinho, não vai, querida?

* * *